

O QUE É A ADOLESCÊNCIA?

Paulo Fioravante Giaretta*

Paulo Roberto Antunes*

Zenar Conter*

RESUMO: O presente trabalho é uma referência à obra de Palácios (1995), portanto tem como principal objetivo destacar as principais idéias do autor a respeito da concepção de adolescência, bem como focar questões que o autor não menciona em seu texto, como: os vínculos estimuladores que possibilitam e reafirmam a padronização de comportamentos.

PALAVRAS CHAVES: adolescência; puberdade; estímulos; psicossocial.

WHAT IS ADOLESCENCE?

ABSTRACT: The present work is a reference to the work of Palaces (1995), therefore has as main objective to detach the author's main ideas regarding the adolescence conception, as well as to focus subjects that the author doesn't mention in text, as: the bonds estimuladores that make possible and they reaffirm the standardization of behaviors.

KEY WORDS: adolescence; puberty; incentives; psicossocial.

1. Introdução

Seguindo a reflexão de Palácios (1995), já de início pautamos uma atitude crítica e indagadora em relação ao termo adolescência, que nos ajuda a obter clareza terminológica e aproximação histórica, possibilitando-nos entender os equívocos mais evidentes da especulação sobre a adolescência e sua compreensão moderna, ocidental e capitalista. A primeira distinção que o autor faz é conceitual: puberdade e adolescência. A primeira é apresentada como um fenômeno biológico, universal, de maturação humana pelo qual os seres humanos passam. É uma mudança hormonal, uma definição física. Já a adolescência é considerada como um período psicossocial, não necessariamente universal, mas determinado pelo ambiente cultural em que o indivíduo se encontra.

Buscar uma hermenêutica exata da adolescência é trilhar um caminho pedregoso, pois, de tal assunto emergem inúmeras problematizações e conceituações, com as quais também queremos contribuir: Por que o

* Acadêmico do 1. ano do curso de Pedagogia – UNIPAR – Campus Francisco Beltrão. Texto elaborado na disciplina de Psicologia da Adolescência sob orientação da Professora Ângela Maria Silveira

Endereço: Rua Antonio Paiva Cautelmo, 395, Centro, Francisco Beltrão, PR. 85.604-251

comportamento adolescente (comportamento de identidade psicossocial) é justificado e alongado para além da transformação biológica da maturação humana? Até que ponto a variação biológica influencia no comportamento psicossocial?

Levando em consideração estudos elaborados em outras comunidades humanas, nas quais a adolescência é tratada como um ritual de iniciação à vida adulta, podemos, de fato, nomear este processo como um *status* necessário ou uma produção social de emergência econômica-ideológica? Qual a intenção da sociedade moderna em quantificar o tempo da adolescência? Qual a necessidade econômica criada em torno da cultura adolescente? Palácios, (1995), mostra-nos que, historicamente, o status adolescente emerge como uma criação recente que, na ótica econômica e social, sofre variações de compreensão (necessidade econômica a partir da Revolução Industrial – século XIX) e de quantificação temporária (tempo de permanência nos estudos). A transformação biológica – respeitando-se os aspectos genéticos, ambientais e alimentares – é um fenômeno natural e inegável. Porém, a concepção de adolescência, no contexto ocidental capitalista, não representa apenas as transformações psicossociais decorrentes das mudanças biológicas, mas fundamenta-se nos pressupostos econômicos da ideologia burguesa.

Em sua obra Palácios, (1995), também analisa como definições opostas, as teorias conceituais da tormenta e drama e da antropologia cultural. A teoria da tormenta e drama apresenta a adolescência como um período de máxima turbulência e tensão psicológica, de sofrimentos e angústias, marcado pelas mudanças dramáticas e pela falta de identidade profissional e ou familiar. Já a teoria antropológica cultural, busca tratar a adolescência como um fenômeno cultural de reprodução de esquemas sociais. Um conjunto de tensões que pode ser trabalhada com base no diálogo e na partilha de responsabilidade. É um ritual de iniciação à vida adulta, no qual se reproduzem experiências culturais definidas.

A crítica, em nosso entendimento, emerge, de forma objetiva: até que ponto as teorias se contradizem, como se fosse um jogo dialético antagônico e extremista abordado de forma genérica? É possível tratarmos de adolescência ou é melhor falarmos em adolescentes? Por que o comportamento do adolescente é estereotipado e padronizado? Criar uma relação de limites e responsabilidades melhora a maturação biológica e psicológica do adolescente? Até que ponto a estrutura educacional, familiar e social reproduz a teoria de tormenta e drama como um despacho de consciência e responsabilidade? Quais são as formas específicas nas quais o meio cultural determina a transição à vida adulta? Convém, redefinir certos posicionamentos. Mais do que tomar uma atitude genérica e globalizante sobre a adolescência é necessário falarmos em adolescentes com variações e aspectos maturacionais bem definidos e distintos. Mais do que compreender os adolescentes com base em discursos pseudo-humanista, precisamos definir as vias de responsabilidade familiar e social que descompreendem os mesmos e, portanto, não consegue ajudá-los.

Palácios, (1995), trata ainda da adolescência referenciando as teorias do desenvolvimento: continuidade e descontinuidade. A primeira refere-se à evolução histórica do sujeito, à aprendizagem com base em uma abordagem social (Bandura); e a segunda, fundamentada na existência de fases na vida do ser humano, (Fases Piagetianas e da Psicanálise), trata-se de saltos qualitativos entre as fases de vida.

Mais do que definir com quem está a razão, o importante é perceber que as teorias analisadas são racionais e que a busca do equilíbrio científico-racional ao mesmo tempo que caracteriza a adolescência como um momento importante de transformação é capaz de extinguir os excessos e formulações radicais.

De forma conclusiva destacamos alguns vínculos estimuladores, não abordados por Palácios, (1995), que possibilitam e reafirmam a padronização de comportamentos, atitudes e abordagens que caracterizam a adolescência enquanto status.

Mídia: Como imperativa de estímulo visual e auditivo, reproduzidor de comportamentos aculturadores, não reflexivos, de culturas burguesas em contraponto à realidade existencial. Estímulo, não só de posturas pacíficas, mas também revoltosas, violentas e alienantes, cujo efeito é imediato no imaginário embalado pela transformação (muita promessa – pouca realidade).

Libido: Faculdade de prazer explorada de forma compensatória, não racional e irresponsável. Diante da metamorfose hormonal o estímulo libidinoso estético, sensual, cria características comportamentais nos adolescentes que nem sempre reproduzem sua necessidade humana de essência-existencial, mas apenas acidental, pautada num modelo cultural específico (comunidade ocidental capitalista). Os estímulos libidinosos fundem-se aos estímulos culturais que recaem de forma direta sobre o comportamento e maturação do adolescente.

Estímulo Alimentar: a sociedade de modelo capital-econômico neoliberal, pautado no programa tecnológico científico, acirra a competitividade e a necessidade de produção rápida de alimentação que deve ser fonte de riqueza (lucro), para tanto, disponibilizam-se diversos tipos de aplicação hormonal (produção de carne, alimentos secos e verduras...) o que, de uma forma direta ou indireta, influi sobre a maturação precoce dos adolescentes, maturação que ocorre, sobretudo, estimuladamente, no campo físico-biológico, mas não no campo psicossocial.

Estímulo Virtual: é a comunicação artificial caracterizada por uma proposta individualista, de comunicação rápida e cibernética e protegida dos conflitos relacionais, o que desencadeia uma conduta relacional e comportamental em que o aparelho de comunicação é o referencial de contato efetivo e afetivo despersonalizando a comunicação humana.

Contudo, convém considerar a existência da distância social, aquela que dita os graus, a intensidade e a real consequência que tantos estímulos produzem no comportamento e na maturação humana. É com base na existência de classes

sociais e nas necessidades sociais de cada indivíduo que pautamos a possibilidade de se falar em adolescentes, fugindo da definição genérica do *status* adolescente.

2. Referências

PALÁCIOS, J. **O que é a adolescência.** In: COLL, C; PALÁCIOS, J. MARCHESI, A. (Orgs). Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Vol. 1. p. 263-272

Data de Recebimento: 05/02/2002.

Data de Aceite: 13/11/2002.